5.º ANO LISBOA—SABADO, 20 DE FEVEREIRO DE 1926 N.º 1494

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 198 Redacção: T. 810
Endereço telegrafico: DIBOA

O MOMENTO POLITICO

O presidente do governo fala ao "Diario de Lisboa,,

Um redactor do *Diario de Lisboa* logrou hoje abordar o sr. Presidente do Ministerio. Não está, presentemente, muito abordavel o sr. Antonio Maria da Silva. As preocupações do cargo e as responsabilidades partidarias trazem-no distanciado dos jornalistas. Passa por nós, cofiando a barba de caprichoso talhe, e leva sempre pendurado no braço um amigo que conversa, conversa. Em regra, topa-se da conversa:

—... Hei de vêr isso...

—... Mas V. Ex.ª não se esquece ..

—... Havemos de ver isso.

Etc. O caso é que o ilustre Chefe do Governo fez algumas declarações. Elas aí seguem tal qual.

* * *

—Faz favor de preguntar...

Esta expressão é caracteristica dos politicos que vão falar a um jornalista a *contre coeur*.

—Estado de espirito do governo perante os boatos que têm corrido, e...

Talvez o sr. Antonio Maria da Silva tivesse surpreendido a nossa estranheza ante a parcimonia do seu dizer inicial. E assim explicou, naturalmente:

—Sabe você... Não ha boa disposição e boa experiencia por parte de um homem publico que resistam a esta nuvem deprimente de boatada que encheu a cidade ontem e anteontem. De resto, este governo quere ser, e é, mais de acção que de declarações. Declarações, para quê? Se são precisas, muito bem. E são precisas?

—Claro. Não é só V. Ex.ª o juiz da oportunidade das suas declarações.

—Seja... Mas não tenho a fazer declarações algumas, destes sensacionais ou de singular interesse que ao publico, sempre atento, dispertem curiosidadade. Digo-lhe, e digo a toda a imprensa, sempre que sou abordado, que este governo está trabalhando, regradamente, sem exibições, como convêm á politica da Nação em circunstancias graves, e que, quer no Parlamento quer nos jornais, a nossa obra, que por vezes parece passar despercebida no que tem tido de eficiente, já está apontada por declarações que tenho feito e até pelo simples noticiario.

—Exactamente. Mas na actual conjuntura vale a pena recapitular. O fundamento destes boatos...?

—Nenhum! Nenhum!

—Mas então não se conspira, pelo menos?

—Entre nós ha sempre quem conspire. E não tenho duvida de afirmar que ha pessoas que conspiram de boa fé.

—O que significa que...

—O que significa, se assim o quere, que ha pessoas que conspiram por vicio e mau sentido politico. Podia ir longe neste capitulo. Mas não vale a pena. O governo da minha presidencia, porém, não tem receio algum de conspirações. E não tem receio por dois motivos. Um de ordem moral: estamos animados do empenho de depurar a Republica, de sanear as finanças, de regular a vida dos quadros publicos, quer civis, quer militares. De fazer justiça a todos, dôa a quem doer. De castigar criminosos, estejam eles onde estiverem. De, para a marcha regular da administração, colaborar com o Parlamento, apresentar as medidas nacionais a tempo, aceitar as indicações boas que venham de todos os lados politicos. Ser um governo para a Nação, para de vez moralizar e sanear. Nisto estamos trabalhando, e só os maus o não querem vêr. Assim, com esta força moral, não tememos conspirações.

—A outra razão...

—E' que tenho no Exercito e na Marinha a mais absoluta confiança. O Exercito e a Marinha não querem politica nas suas fileiras, e estremecem a sua dignidade. E a força publica conhece das minhas intenções. No governo, ha dois meses, não posso ter realizado já a obra de depuração que a força armada julga necessaria, como todo o país a julga indispensavel. Mas estou-o fazendo, prudentemente. Assim, as conspirações não me assustam.

—Chegam até v. ex.ª pronuncios de descontentamento no Exercito, ou...

—Descontentamentos ha muitos. Eu mesmo sou um descontente, e por isso sou govêrno, e hei-de ser, consciente das minhas responsabilidades, por todas as formas e feitios, até indicação constitucional em contrario. Pessoalmente, ser presidente do Ministerio não me interessa. Eu bem sei que todos dizem o mesmo, mortos por virem para esta situação. Mas tenho o desassombro de confessar que, politicamente, já que sou governo, hei-de defender esta posição, porque estamos, eu e meus colaboradores, empenhados numa obra util e séria, sobranceira a interesses seja de que natureza fôrem, absolutamente identificados com a vontade nacional: moralidade publica, administração, equilibrio financeiro.

E, com firmeza:

—Ou me levam para a Morgue, ou este govêrno mete na cadeia todos os patifes, depura as forças militares e civis de todos os porcalhões, endireita a situação financeira, e põe neste país, definitivamente, ordem moral!

E, depois dum silencio, a quebrar o impeto da sua sinceridade:

—Meu caro: quem assim pensa, e politicamente vive, não teme conspirações. E deixemo-nos de coisas: o Exercito e a Marinha sabem que eu sou assim, e assim vou corajosamente ao encontro das aspirações do país. E não temos dado, em poucas semanas, provas do que queremos fazer?

Citando:

—O caso do Banco Angola e Metropole. Inteira liberdade aos juizes. Absoluta. A verdade está quasi descoberta e os responsaveis presos. Não hesitará este governo ante qualquer prisão, seja qual fôr, fôsse ela recrutada nas fileiras do meu partido. O resto será com o tribunal.

—Diz-se que a lei não comporta um caso de tamanhá gravidade...

—Um processo bem organisado, e por isso o trabalham os juizes dando a aparencia de trabalhar morosamente, não permitirá que escape um patife pela malha. Não é preciso tribunal especial. Basta um juri especial.

—Juri especial?

—Sim, senhor. E' proposito do governo encaminhar as coisas nesse sentido. A deportação dos implicados no ultimo movimento radical não tem nada de violento, ou de excional. Ao governo assiste o direito de ter os presos onde melhor convier. Tem-nos numa ilha, não como condenados, mas como se estivessem numa cadeia aqui, e muito melhor mesmo. E' a defeza social. O julgamento apurará das responsabilidades de cada um, e os que não merecerem punição serão livres, lá fora como aqui. A impunidade para todas as desordens, desagrada ao Exercito, desagrada á Nação. Isso acabou.

—Medidas de administração?

—Em todos os ministerios se trabalha, sem alardes, sem alardes, acentua, num sentido moralisador, progressivo e tendente a satisfazer o interesse nacional. Não são palavras. Passou a hora das palavras. As estradas hão de ser reparadas, e para tal trabalham os ministerios do Comercio e Finanças. Dentro de 4 anos a rêde de estradas nacionais estará melhorada e completada. Já o sr. ministro das Finanças, creio que no *Diario de Lisboa*, disse qualquer coisa a este respeito.

—E o caso dos Tabacos?

—O contracto acabava agora naturalmente. Era precisa uma base para o novo regime. O sr. ministro das Finanças apresentou-a, fundamentou-a, tornou-a questão aberta.

—Mas o Partido Democratico torna-a questão fechada...

—Não é comigo, e, de resto, o que se resolveu, foi fazer questão fechada do regime pelo qual o Grupo Parlamentar Democratico houver de se pronunciar.

—A sua opinião pessoal?

—Teoricamente eu sou pelo regime livre. Mas, em presença de circunstancias e do que a pratica está patenteando, inclino-me para a Régie. A politica é uma sciencia aplicada. Para atender ás exigencias da fiscalisação e do «contrôle», a tanta salvaguarda que é mister impôr, o regime livre acabava por o não ser. Neste caso, a liberdade juridica não pode justapôr-se á liberdade de facto. Isto até os defensores da liberdade o confessam. Que eu seria pela liberdade de comercio e industria—confessei-o numa reunião do Directorio, ha tempos, quando o sr. Pestana Junior ainda era de opinião contraria. Mas o regime livre iria caír no monopolio disfarçado, com todas as vantagens para os monopolistas e sem nenhumas ou precarias vantagens para o Estado. De resto, a Régie está no programa partidario, e este governo tinha a obrigação de o incluir, pelo menos em base, no seu programa de acção.

—Quanto ás bases?

—O Parlamento as discutirá e aperfeiçoará. O Parlamento, de resto, se inclinará para o regime mais conveniente para o Estado e para o país.

E prosseguindo:

—O que é indispensavel é tirar do futuro regime a melhor vantagem efectiva. O que é indispensavel é entrar na normalidade financeira. E o «deficit» ha de ser extinto. No dia, que reputo proximo, em que tivermos o orçamento equilibrado, a situação externa de Portugal—que é cada vez mais lisongeira, e aqui caberia uma referencia ao trabalho pelo ministerio dos Estrangeiros, mas não a quero fazer por justos melindres—a situação de Portugal lá fóra e cá dentro será então francamente progressiva.

—O rendimento dos tabacos pode servir para uma operação que...

—Não. Não. Não precisamos por agora de dinheiro. Não queremos emprestimos. Não pensamos *empenhar*—como se diz—o rendimento dos tabacos. A entrada subita de ouro, que se perderia na voragem por mais cuidado que houvesse, traria no paiz ao desequilibrio imediato, com a valorisação subita do escudo. Além do que emprestimos novos seriam novos encargos, e não nos convem mais encargos...

—A reorganisação do Exercito?

—Isso é com o meu colega da Guerra.

O sr. Antonio Maria da Silva, chamado pelo telefone a qualquer reunião ou encontro préviamente combinado, diz:

—Eu já lhe afirmara que não tinha revelações a fazer. Era talvez preferivel não publicar nada desta conversa, que não tem interesse para o publico nem para os politicos. Em todo o caso agrada-me que se diga ao país, por intermedio de um jornal, seja ele qual fôr, que este governo, a braços com as duas questões mais graves e melindrosas do seu momento politico: o caso do Angola e Metropole e a questão dos Tabacos, tem na fôrça publica a confiança precisa para seguir a sua obra discreta, sim, de saneamento, actividade sem alarde e moralizadora. E, meu caro, nestesdois casos—Tabacos e Angola Metropole, se pode encontrar «oculta explicação» para muitas agitações que se pretende levantar na sociedade portuguesa...

O monumento

. . . a Cervantes

A revista «De Portugal», obra de novos, entusiasmou-se com a ideia de erguer em Lisboa uma estatua a Cervantes, retomando, assim, o alvitre da «Contemporanea», de que o «Diario de Lisboa» se fez eco ha um ano. Do ultimo numero da simpatica revista transcrevemos o artigo em que essa ideia é de novo lançada, desejando nós que ela consiga realisar-se desta vez, para maior estreitamento das nações peninsulares:

«Já no ano passado, nas colunas desta revista, falámos com entusiasmo da ideia de se perpetuar, em pedra, a memoria de Miguel Cervantes, o imortal autor do «D. Quixote de la Mancha». Modestamente, juntámos o nosso brado ao brado que se levantára então, oferecendo o nosso modesto auxilio, que era representado pela nossa grande boa vontade. Mas, como sempre, nesta terra em que só ha ideias, a mais negra indiferença veiu cair sobre a iniciativa em todos os pontos de vista simpatica, e desde então um mutismo incompreensivel, irritante, pairou sobre ela.

A Espanha glorificou Luiz de Camões, erguendo-lhe um monumento em Madrid, ao mesmo tempo que toda a sua intelectualidade e todo o seu elemento oficial rendia homenagem ao maior épico ibérico, ao maior cantor que o Sol das duas patrias viu.

O espirito sensivel do português, fremeu de entusiasmo, exultou, encheu se de projectos grandiosos de recompensa el... mais nada.

O Sol de pouca dura, que é sempre o Sol da nossa terra, escondeu-se no horisonte, num poente rapido, e numa noute sem treguas, noute duas vezes polar, noute de doze meses, veiu arrefecer os animos, e o gelo da indiferença e do esquecimento caiu.

E' preciso não esquecermos que devemos esta satisfação de gentilesa á Espanha. Temos a obrigação moral de mostrarmos o nosso reconhecimento. E, demais, Cervantes, como Camões, não é só ibérico, mas sim um dos maiores engenhos latinos. «D. Quixote» e «Luziadas» são filhos de adversidades eguais, de pais gemeos no sofrimento, e o nosso culto tem de ser egual tambem.

Vamos nós procurar fazer aquilo que os outros não querem. Lançámos o grito de revolta contra o marasmo que envolve toda esta ideia, e lutaremos para que, de um simples projecto vago, passemos á realidade dos factos. Para isso, pedimos o auxilio de todos, grandes e pequenos, e assim, o monumento a Cervantes, será uma visão real a erguer se numa das nossas praças. Trabalhemos todos, porque assim é que se consegue a aproximação ibérica».

TEATRO S. LUIZ

Empreza A Ramos, Limit.ª

Grande Companhia de Opera Italiana

Emprezario e Director ERCOLE CASALI

Maestro EMIL COOPER

Está aberta, no escriptorio do Teatro, a assiuatura para 16 recitas, da uma ás cinco da tarde, terminando hoje a preferencia para os antigos assinantes de S. Carlos e começando ámanhã a assinatura livre.

Estreia a 27 do corrente, com a opera

AIDA

CARTAZ

TEATROS

S. Luiz=A's 9,15=«O pobre Valbuena» e «A Alsaciana».
Trindade=A's 21=«Arco Iris».
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Politeama=A's 21,15=«Não te meliadres, Beatriz».
Eden-Teatro=A's 20.30 e 22,45=«As Onze Mil Virgens».
Ginasio=As' 9,15=«Vida e doçura» e «Revista Nua».
Apolo=A's 9,15=«Maridos Encravados».
Salão Foz=A's 15 e 21=«Pom-Pom».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Joaquim de Almeida=A's 20,30=Cinema e variedades.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças, Quintas e Sabados.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.
Eden-Cinema—Rua do Alvito—Alcantara.

CRONICA

Encantamento e tentação DA NOITE

Lisboa, cidade das sete-colinas. A Senhora do Monte é o sete-estrelo no abraço das sete-colinas, á volta de Lisboa. A' noite, a cidade, vista da colina santa, é um deslumbramento para os olhos e um encantamento para o espirito. E com os seus deslumbramentos, e com os seus encantos, sobe da cidade até á colina a eterna tentação da Cosmopolis...

A lua aparece, vestida de branco, por detraz da capela de Nossa Senhora: dir-se-ia uma noiva que vai noivar, ou uma lirial comungante que vai comungar, e o seu veu branco, mais transparente do que a nevoa mais transparente, mal a lua desponta no ceu, estende-se, e cobre, e envolve a cidade inteira. A nevoa imponderavel do luar veste de luar purissimo a cidade perdida de mil tentações: é um manto branco e doce como leite, palhetado de irisações opalinas que os mil luzeiros da cidade vibrante rompem por toda a parte, scintilando como estrelas. Ao longe, brilham as luzes sobre o mar quieto. São seis horas. Lá em baixo, a Tentação sobe, multiplica-se, espalha-se por todos os membros e intersticios, rua do Oiro, Chiado... Aqui, a paz é perfeita: e Lisboa parece o ceu dum crepusculo do outomno, iluminado por todas as estrelas dum ceu sem luar.

* * *

A Tentação sobe... O fulgor das joias perturba os olhos e reflecte-se no espirito. Naquela mão esguia, branca, levando á boca voluptuosa uma chavena de loiro chá perfumado, ha um rubi, sósinho... Sósinho, precisamente por ser assim que ele está menos só: estão com ele todos os olhos, estão com ele todos os desejos, estão com ele, em surdina, todos os beijos de todas as bocas que o circundam por toda a sala iluminada como para uma bacanal... Ela bem no sabe, e talvês mesmo que ela sinta, sobre a seda branca da sua mão tremente, os beijos que em silencio, e de longe, lhe são arremessados!

* * *

Aquela cabeça loira, oxigenada, aqueles olhos... Ao canto da sala, o terceto faz-nos ouvir o «Sheik». «Antinéa» não está longe. Deve ser aquela, deve ser ela, aquela rapariga de cabeça loira, tentadora, fumando loiros cigarros ingleses de ponta de rosa, e semi-cerrando de mansinho os olhos, quando o fumo lhe sáe dos labios, espiralado, caprichoso. Mais de perto, vejo-lhe melhor os olhos.—A cocaína, certamente não anda longe. O fumo do cigarro deve ser a sinfonia de abertura. O seu companheiro de mesa tem os traços fisionomicos dum rasto elegante. Os olhos dela, mansamente, correm a sala, interrogadores, emquanto as suas mãos escondem e preparam alguma coisa.—Oh era certo! A picada foi dada a tempo: aqueles olhos vagos têm, agora, uma estranha animação...

* * *

—Tão cêdo ainda...
—Porquê?
—Conhecemo nos tão pouco...

Ele segurava-lhe as mãos, e apertava-lhas. Como tinha sido aquilo? Como tinha ele ido ali parar? Era a casa dela, evidentemente. E o marido? E a familia? Das ruas da Baixa á Estrela, como? Ela abandonára as mãos ás mãos dele, e descia os olhos. Tinha tirado o chapeu, despido o «tailleur» azul, num momento, emquanto ele mal tivera tempo de examinar detidamente a pequenina sala onde ela o fizera esperar. Como era possivel, na realidade, uma chavena de chá, tomado perto dela, na mesa ao lado, na «Ferrari», ter dado aquele encontro, e aquela recepção?

—Sabe, isto é uma loucura da minha parte!...

Que havia ele de dizer-lhe, senão tudo quanto habitualmente se diz naquelas circunstancias? As palavras são sempre as esmas. As mãos dela tremiam, e os olhos cerravam se-lhe.

—Não quebre o encanto: deixemo-nos ficar assim. E' tão dôce sentir alguem afagar-nos as mãos, como a uma criança...

Ele afaga-lhe, pois, as mãos. Mas as mãos são os pontos finais dos braços—e os dela eram lindos. Beijou-lhos, ela não se importou: sorriu. O seu colo branco tambem era lindo...—E ficou sem forças, com a cabeça sobre o ombro dele...

A tentação da cidade! Debruçado o olhar, do alto da colina, é como se uma sinfonia extranha entrasse em nós pelos ouvidos, e nos ilaquease a alma, e a transportasse ás paragens mais estranhas do mundo mediunico. Viver! Viver! Viver!—Pobre alma! A cidade das tentações e dos encantamentos, é a mesma cidade da dôr e da miseria. A Cosmopolis é a Perdição. O «Progresso», que fez as cidades, corrompeu as almas. Tentação do Amor, tentação da Gloria, tentação do Oiro: eis o tema duma sinfonia heroica que da cidade se eleva até ao alto das colinas, e no alto das colinas perturba os que não esperaram nunca, e nunca hão de esperar que o dedo de Deus os unja com o perfume distante da santidade...

Augusto da Costa

Garage Monumental

::: A maior do País :::

Comporta 800 carros

Recolha de carros a Esc. 60$00—Gazolina: Litro 2$20

Lavagem de carros aos clientes mensais

Esc. 4$500 cada

Avenida Alvares Cabral (ao Rato)—Telefone N. 4949

PERAL, L. DA

LANIFICIOS, SEDAS VELUDOS, PELUCHES

Tecidos de grande fantasia

Sempre Retalhos

RUA DA PRATA, 82/86 — *Telefone C. 77*

AU RENARD ARGENTÉ

CONFECÇÕES DE PELLES EM TODOS OS GENEROS. MODIFICAÇÕES OU CONCERTOS. EXECUÇAO RAPIDA. PREÇOS SEM COMPETENCIA. PELLES AVULSO PARA GUARNIÇÕES

RUA DE S. NICOLAU, 13, 3.°

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Adelaide do Vale Amaral, D. Maria Luiza Esteves Mendes Correia, D. Maria Helena Paula de Saldanha da Gama, D. Deolinda Saavedra Canavarro, D. Sofia Sequeira Sepulveda, D. Maria Amelia de Lima Pinto de Azevedo e Miss Mabel Potter.

E os senhores:

Dr. Antonio Parreira de Aboim Luzeiro de La Cerda, Dr. Jacinto Meireles, Joaquim Queiroz de Andrada Pinto, José Augusto de Queiroga Valentim, Henrique José Cardoso de Menezes, Antonio José Roque de Pinho de Oliveira Monteiro e o menino Helvidio Aleides Tasso Rollin.

E depois de ámanhã as senhoras:

D. Maria Antonia Ferreira Pinto Basto, D. Judith Pereira Correia de Lacerda, D. Amelia da Costa Blanck, D. Maria Sofia de Menezes Cardoso e Silva (Godim), D. Maria Candida Leite de Castro, D. Maria de Menezes e Vasconcelos e D. Octavia Dias Soares de Medeiros.

E os senhores:

Antonio de Oliveira Soares, Eduardo Quintela de Mendonça, Fernando Pinto Leite Homem de Almeida, Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy e Vasco da Cunha Pinto Cardoso.

—Fez ontem anos Mademoiselle Gabriela de Queiroz da Fonseca.

Festas de caridade

No proximo sabado, 27, realiza-se no Tivoli uma interessante «matinée» de caridade, organizada por uma ilustre comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de uma instituição de caridade.

O programa constará de uma parte com «films» e outra de variedades em que tomam parte os dois principais elementos da Companhia Velasco, Evan Stachino e Mademoiselle Lou, que apresentarão novas canções e bailados.

Os bilhetes para esta festa de caridade podem ser pedidos desde já na bilheteira do Tivoli.

Noites de arte

A opera no S. Luis

Continua sendo muito concorrida a assinatura para a curta série de opera que se vai realizar no S. Luís e cuja inauguração é no proximo sabado, 27, com a opera «Aida». Pelo anuncio que a empresa daquele teatro publica hoje na secção respectiva se vê que do elenco fazem parte os principais elementos liricos do mundo e o repertorio é constituido pelas principais operas.

Segunda-feira começaremos a publicar a lista de pessoas da nossa primeira sociedade que já têm assinatura, começando tambem nesse dia a assinatura livre de compromissos para os antigos assinantes de S. Carlos.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma interessante criança do sexo masculino, a sr.ª D. Sofia Monteiro da Costa Real, esposa do sr. Alberto Costa Real. Mãe e filho estão felizmente bem.

Pontos de reunião

No S. Luis

Esta noite um dos pontos elegantes de reunião será o S. Luis onde se representam pela primeira vez as zarzuelas «O Pobre Valbuena» e «A Alsaciana» a que a explendida companhia de opereta daquele teatro dará, como nas peças apresentadas anteriormente, uma interpretação digna de registo. Para esta noite sabemos estarem feitas muitas combinações entre familias da nossa aristocracia o que resultará um elegante «rendez-vous».

No Cinema Condes

Igualmente será o Condes um dos pontos de reunião da nossa seciedade, realizando-se esta noite a «soirée» da moda com um explendido programa de «films» e concerto.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Maria Levéque de Castelo Lopes seguiu hoje no «Sud-Express» para o Porto o sr. José Martins de Castelo Lopes.

OS MELHORES RETRATOS

que se fazem em Lisboa

São incontestavelmente os melhores e os mais artisticos retratos que se fazem em Lisboa, os da *Photographia Ingleza*, de J. & M. Lazarus, ha muito considerado o nosso mais elegante estabelecimento fotografico.

A sua exposição permanente de retratos, aguarelas e molduras, na Rua Ivens, 59, é todos os dias visitada por centenas de pessoas.

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

A'MANHÃ—A's 3 horas da tarde

12.º concerto de assinatura.

pela

Orchestra Sinfonica Portuguesa

DIRIGIDA PELO MAESTRO

PEDRO BLANCH

em que pela unica vez toma parte o notavel violinista DR. A. FERNANDEZ BORDÁS, director do Conservatorio de Madrid.

que executará com orquestra o «Concerto em mi menor», de Beethoven, «Introdução e Rondó caprichoso», de Saint-Saens e o «Andante» do concerto de Nardini. Pela orchestra, «Preludio, Coral e Fuga», de Bach, «Encantos de Sexta-feira Santa» do Parsifal, de Wagner e a pedido a ouverture da «Mignon».

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, metrite, hemorragia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

PAGINA SEMANAL

Teatro e Belas Artes

por Artur Portela

Ignacio Peixoto

E

a situação material dos teatros

Fez ontem anos—não sei quantos, mas muito poucos, porque ainda o vi representar—que morreu Inacio Peixoto. Era um actor severo, logico, gradual nos efeitos, inteiriço nos personagens, sistematico no estilo. Representou com nobresa a alta comedia, não no recreio de farça que ora faz lei, publico e aplausos, mas com aquela inteligencia que sabe pincelar nos labios o meio sorrizo que se confessa e a gargalhada que rebenta, em qualquer sala, de espelhos altos e antigos, elegancia discreta, maliciosa nos contornos, mas apurada e de honestidade sentimental e social. Inacio Peixoto era, por si só, um acto de comedia. Uma destas mascaras desenhadas por Hoghrt, conscientemente pitorescas, exemplarmente nobres e perfeitas. Inacio Peixoto sabia, como ninguem, encontrar a situação sem a forçar. Nunca se apoiava sobre uma palavra obscura de sentido ou de sentido duvidoso. Engeitava estes recursos—talvez mesmo os ignorasse. Representava com tanta expontaneidade que parecia criar na ocasião. Tinha a flagrancia do lapis dum caricaturista de genio. Compunha com a inteligencia. Embora o instinto lhe dinamizasse as qualidades, a sua reflexão era constante. Antes de entrar em scena espectralizava a mascara em cores, isto é, no jogo fisionomico, opulento e exuberante de acordes psicologicos. Dir-se-hia, tanto era a levesa do seu trabalho de artista, que a revelação o acompanhava sempre, em triunfo, por prazer, por acaso, por destino. Não era assim, nem nunca o será. O que Inacio Peixoto tinha, como hoje já não se tem, era o sangue e a profissão de um comediante, entranhadamente, vivificando-o, conquistando-o. Sentir-se-ia, talvez—mais artista e menos homem. Força da sua arte e não do seu temperamento, embora este existisse. Elemento teatral em todas as situações, gravitando no palco, qualquer que fosse o scenario onde se encontrasse. O poder irrepremivel que nos arrasta, a vulgar paixão de belesa que se tem por qualquer mulher ou por qualquer ideia e que sobrevive em nós, seja qual fôr o cataclismo moral ou espiritual que nos agrilhoe—é a eterna redenção que tanto renova a naturesa, prometendo-lhe as flores que secaram, como o homem, que se liberta das suas ilusões—para criar a mais alta de todas elas.

Inacio Peixoto foi chamado ao palco—não entrou nele por lhe convir. O destino esclareceu o, dando-lhe uma unica estrada para andar. Ele, como os outros que têm o passo seguro, não errou o caminho da existencia. Não somos nós que o procuramos; forma-se, instantaneamente sob nossos pés—cortando montanhas, desertos, planicies, mar fóra, vida fóra, ceu fóra.

E' bom relembrar Inacio Peixoto! A casa dos mortos precisa de epitafios. Mais um a gravar, no marmore branco de jazigo, onde se ergue o busto de Santos Pitorra, que, de cabelêira leonina, mosqueteiro alevantado e rebelde, parece dizer, repetindo a frase celebre que Fialho endereçou a Camilo:

—Fui eu o ultimo! Fui eu o ultimo que aqui entrou!

* * *

Especulação e exploração. — O principal martirio do teatro português é a benemerencia que dispensa a todas as iniciativas. Salvo desde já e com uma lealdade absolutamente indiscutivel, os espectaculos promovidos pelos jornais, que ou têm um sentido nitidamente artistico ou um caracter de tão desinteressada generosidade que, duvidar deles—seria um crime. Se produzo esta afirmação não é por pertencer ao jornalismo diario, mas por saber que a imprensa, onde sirvo, se tem empenhado sempre em cruzadas de belo espirito e de nobilissimo sentimento.

A par disto, porém, que nada tem para o caso, ha muitos factos que vale a pena esmiuçar. O martirio do teatro é igual ao das Misericordias sem receitas. Abusa-se muito. O Estado é o principal explorador das casas de espectaculo. Triplicou-lhes os impostos, selou-lhes gravosamente os bilhetes, e, todos os dias, ameaça-as com o tagante de novas taxas. As verbas cobradas são inverosimeis. Verdadeiras cifras astronomicas. Aqui e lá fóra, mas lá fóra—o mal começa a atenuar-se, mercê duma campanha já fecunda de resultados obtidos. Além do Estado, ventosa eterna, outras sanguesugas ha que se refastelam no corpo anemico e dessorado que se chama o teatro português. A festa do amigo, do desempregado, da sociedade recreativa ou humanitaria—é obrigatoria. Obrigatoria sem discussão, sem apêlo. Porquê? Apenas por habito, por costume dos tempos aureos—em que havia mais publico e mais dinheiro. A deficiencia economica cortou, nos gastos domesticos, muitas despezas, não de luxo, mas de conforto. Só no teatro, embora a situação seja dolorosa, gravissima, aflitiva, os favores insistem, como se o tempo não o tivesse desfalcado e desacreditado quasi irremediavelmente. Esta situação poder-se-ia, em parte e, «á la longe», atenuar, se em cada casa de espectaculos houvesse este singelo lema: «o teatro é para os artistas».

Estes, pela sua vida e pelo seu trabalho, podem reivindicar todas as regalias, alargando-as até se, com tenacidade, puzerem côbro á invasão dos pedidos oficiais e oficiosos que as empresas recebem e secundam sem se aperceberem que o uso não faz lei. O teatro, apesar de pobre, gosa em Portugal de fáma de rico—e o artista tambem. A lenda dos lucros fabulosos—ainda não morreu e ainda vive, com verdade historica e romantica, a fama dos actores que gastem fabulosamente, certos no dia de hoje, mas incertos no de amanhã. E, como assim é, toca a explorar um e outro, arrancando-lhes tudo quanto fôr possivel e impossivel. O favor, mesmo pesado, é tido como leve dever. Desta antinomia perniciosa e desastrosa vive uma população, cada vez mais densa, a quem deve ser adstrita certa responsabilidade na crise do teatro.

A proposito, um caso que merece ser narrado: Ha tempo, certo emprezario de pulso, de inteligencia e de bondade, recebeu uma carta de varios membros de uma colectividade do bairro, onde pertence o teatro que ele explora. Requeriam os signatarios, aduzindo varias razões de placidez espiritual, a cedencia de uns tantos «fauteuills», por noite!

E' contra impostos extraordinarios, irregulares, ilegais e ilogicos como este que a gente de teatro se deve unir, fechando as portas, fechando os ouvidos, fechando, se fôr preciso, o coração — para deixar cá fóra apenas o sentimento, mas o sentimento que sabe distinguir o interesse sincero do que não é

* * *

Apontamentos — Eu não posso inventar assuntos de teatro — o teatro é que m'os deve dar. Lá fóra, de interessante, vejo apenas que Bernard Schaw é contra as manifestações de antipatia ou de simpatia do publico, durante os espectaculos; e certa peça de Gheon, dramaturgo catolico, cuja scena principal é, descaradamente, roubada ao florilegio espiritual e divino da nossa bem amada Rainha Santa, quando ela, mistica e consagrada com uma hostia do altar, lembrando nos gestos a graça das pombas feridas imaculadas — transformou o pão dos mendigos nas rosas da graça e do milagre. A falcatrua artistica do sr. Gheon só pode ser constatada. Não vale a pena ir além do registo do facto — e lamentá-lo.

A opinião de Bernard Schaw não é aceitavel, nem discutivel. E' paradoxal e inutil. Tem sido defendida e atacada por muitos dramaturgos, conforme os seus sucessos e insucessos. Quem interessaria interrogar era «monsieur tout le monde» — o publico. Se ele me confiar a interpretação do seu pensamento, direi que ele tem direito a manifestar-se. Por todas as razões: porque compra o bilhete, porque tem o direito de critica imediata, porque póde estar em desacôrdo com o autôr, com os artistas e com os criticos e porque, se o palco pertence aos que nele trabalham—a plateia é dele, alugada, assinada ou cedida. Nenhum dramaturgo de instinto popular ignora que a palavra, a ideia ou a tese exercem uma influencia sobre quem as escuta. Que essa influencia tanto póde ser positiva, como negativa—mas que é sempre sincera. O consenso das multidões virgens, puras de «meneurs», limpas de agentes subterranos e sordidos—tem a grandeza do mar e a pureza dum horisonte limpo de montanhas. E' o melhor espelho da verdade. E' unico onde ela é núa, sem ambages de amigos, nem circumloquios discretos da critica. O dramaturgo trabalha para todos. Só deve desprezar a minoria. Quando é forte não é o tumulto que o espanta, nem as palmas que o embriagam. Uma peça bôa não dá uma serie de bôas peças. O sucesso é nada, em face dos erros que se praticam. Ninguem queira ser aplaudido porque uma vez foi elogiado. Faz-se um paradoxo da frase e terão a razão.

As palavras de Bernard Schaw, talvez, dentro em breve, se transformem num dogma—num dogma sustentado por muitos, mas desmentido sempre pela multidão. Ainda bem!

Artur Portela

CONDES

HOJE—soirée elegante

Noite da moda ás 20 h.

No Turbilhão

(7 actos)

Colossal produção com PRISCILLA DEAN, Wallace Beery, Matt Moore, etc.

FANFAN LA TULIPE

super serie da grande arte

2.ª jornada

O pelotão executor

4 partes

por **Aimé Simone Girard, Paul Guide, Renée Heribel, Claude France**, etc.

e outros films de exito

Colchões de arame

H. BONO

73, Rua do Diario de Noticias, 75

(Ao lado da antiga Farmacia Jara)

Telefone: Central 642

Policlinica do Conde Barão

Largo do Conde Barão, 12, 1.º

Telef. Central 1902

Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1|2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas — Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Brum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.

Raios X — Massagens

Ensina-se

a chauffeur amador, ou profissional, num bom automovel. Preços modicos Tratar: R. Gomes Freire, 209, 2.º.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Hecker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DR. JOSÉ TAVARES
Professor da FACULDADE DE DIREITO
CARLOS TAVARES
FERNANDO TAVARES
ADVOGADOS
RUA AUGUSTA, 240, 3.—Tel. N. 5013

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA Tel. N 3644
Sempre duas sessões—8 1/2 e 10 1/2
A revista triunfante FOOT-BALL
A unica da actualidade e sempre
em duas sessões—Novas coplas—Novas
atracções

Chá das cinco

Paisagem antiga

Tenho diante dos meus olhos esta paisagem triste, esta paisagem antiga que trás á minha memoria um mundo colorido de recordações.

Por mais que as almas se transformem ao contacto doloroso da vida, ela fica sempre a mesma, imutavel e serena.

Os dias tecem em silencio os meses; passam sobre ela os longos invernos e a terra não envelhece.

Ao longe, é sempre o mesmo perfil milenario da serra, vestida de neblina; mais perto, são as tristes arvores despidas de folhas, que envelhecem a dar lenha para o pobre e a alimentar a chama doirada que arde na lareira, durante as longas noites de inverno.

Paisagem da Biblia, triste e resignada, velhinha e resignada. As mesmas oliveiras carcomidas do Jardim de Gethsémani, a mesma tristeza secular; a mesma serenidade cristã.

E dominando a paisagem, como os altos minaretes das mesquitas arabes, a torre da Igreja, solitaria e dura como o perfil dum monge.

Não sei ha quantos anos aquele sino grande toca ás Avé-Marias. O som é sempre o mesmo. Tenho-o gravado na memoria, como se fôsse a voz duma pessoa querida.

Já tocou para o meu baptisado; já dobrou a finados por algumas pessoas queridas que dormem além, no cemiterio. Já nos deu alegria e já nos encheu a alma de tristeza.

... A vida passa e o sino grande continuará sempre a deixar caír sobre a vida, ora triste, ora alegre, o som querido.

NORBERTO LOPES

TAPETES DE BEIRIZ
Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.
Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4419

Exposições de Arte

Joaquim Lopes, ilustre pintor portuense, de grande nome, apesar de pertencer á fileira dos novos, abre hoje para a imprensa e amanhã para o publico, na Sociedade Nacional de Belas Artes a sua exposição, galeria magnifica, na qual apresenta trabalhos de envergadura, reveladores do seu vigoroso talento artistico.

Joaquim Lopes vai obter certamente um triunfo de arte, que completa o da sua exposição de ha quatro anos.

* * *

Simão da Veiga, pai, abre na quarta-feira que vem, no Bobone, a sua exposição anual de pintura. Simão da Veiga, com seu caracter especial, seu pincel de mestre e a sua visão bem portuguesa, tem garantido o sucesso artistico, a que o seu nome já tem indiscutivel direito.

Participação
Albano d'Almeida
Socio tecnico da firma Teixeira, Campos & Almeida, previne os seus Ex.mos Clientes e amigos que se desligou desta sociedade, passando a fazer parte da firma da alfaiataria «PICCADILLY LTA», Rua Garrett, 69, 71 Nesta ja conhecida casa, encontram um variado sortido de fazendas nacionais e inglesas, onde pode bem servir os seus clientes e por preços sem competencia. Onde espera continuar a receber as suas estimaveis ordens, o que entretanto agradece.

UMA ESTATISTICA CURIOSA

Centenas

de senhoras

cortaram os cabelos

"á Garçonne„

durante os dias de Carnaval

Toda a mulher que quere ser nova, ou menos velha—corta os cabelos. Corta, pelo instinto de ser bonita, leve, graciosa, moderna. Os cabelos curtos são uma linguagem abreviada de amor. Querem dizer—ainda sei amar. Entende-me como eu sou, melhor ainda, como eu fui. A mulher mais interessante é aquela que sabe ser, ao mesmo tempo, feminina e mascula. A que usa saias, pode ser banal; a que usa calças autenticas, longas como as nossas, tem um atractivo perturbante, discreto, misterioso.

Se ha alguns cabelos curtos aos 18 anos, aos 30 são fatais. O envelhecer tem assim um declive menos rapido. Resiste-se mais. O rosto aparece mais livre, menos sombrio, como aquelas rosas de sepalas curtas que são só flôr.

Numa epoca de estatisticas como a nossa, em que se sabe quantos cigarros se fumam por ano, quantos suicidios ha por mês, quantos sapatos se vendem por hora, em todo o globo—é curioso conhecer quantos cabelos de mulher cortam os barbeiros lisboetas por dia.

Temos aqui a estatistica, uma estatistica avolumada de cifras, na vespera e dias de Carnaval. Os barbeiros não tiveram mãos a medir, isto é, tesouras para cortar. As mulheres, com o corso na Avenida e os bailes nos teatros—quizeram ser bonitas, forçosamente bonitas. Iam ser vistas e quizeram que as vissem bem, mascaradas ao natural, galantes, de tipo impressivo, nuca descoberta, onde os beijos são mais rapidos e mais ardentes.

Um barbeiro da Rua do Carmo, elegante e discreto, com gabinetes côr de rosa—fez uma fortuna. No Carnaval deve ter, entre cabelos cortados e ondulações, servido 500 senhoras. A 8$50 cada temos uma cifra igual a 4.250$00. Estamos a advinhar o montão de espigas ceifadas—loiras, negras, castanhas. Os amôres cortados, impiedosamente, sem uma queixa, sem um arrependimento.

Os estabelecimentos da travessa do Salitre, do Chiado, da rua Serpa Pinto, da Praça dos Restauradores—trabalharam dia e noite. Despelaram meia Lisboa. Felizmente que o cabelo é uma tentação sofrega que nunca se dessenta, salvo para as calvicies academicas. Torna a crescer, a insistir—certo da sua imortalidade, mas constante de esforço.

Na rua do Loreto ha um andar que é muito concorrido. Dizem que houve bicha. Os cabelos cortados encheram caixotes. O negocio foi bom. Espantoso mesmo. 300 senhoras por dia submeteram-se á tortura do cabeleireiro.

Emfim, foi uma hecatombe. Nunca tinhamos visto aparecer tantas mulheres decididas. A maior parte cortava os cabelos pela primeira vez. Se os maridos as reconheciam—o espelho tentava-lhes os sorrisos, em novas primaveras de beleza tardia.

A moda tem exigencias e estravagancias. Mas é tão inconstante como a mulher que a usa. Uma e outra não se detem. Andam depressa, a fugir—a fugir de si proprias. Ha novidades que duram um minuto e custam uma fortuna. E' de esperar que a mulher—eterna contradição—venha a ter saudade dos cabelos compridos. Se assim for, o seu arrependimento não durará muito. Quando muito: muito pouco—o bastante para eles crescerem de novo, reabilitando a graça feminina que teima em suicidar-se sem a conseguir...

UM LIVRO INDISPENSAVEL

Já foi a Mafra? Já viu esse admiravel monumento de D. João V, um dos maiores do mundo, e um dos mais conhecidos lá fóra? Compre o livro de João Paulo Freire (Mario) — *Mafra, Historia, bibliografia e notas*, tresentas paginas, profusamente ilustrado. Aí encontra tudo quanto precisa para conhecer completamente esse maravilhoso edificio, nas suas linhas gerais e em todas as suas minuciosidades. Preço 20$00 Escudos. A' venda em todas as livrarias e na Administração do *Diario de Lisboa*.

D. ANTONIO CAÑERO

Segundo noticias hoje recebidas de Madrid, o notavel cavaleiro-toureiro Don Antonio Cañero, continua, felizmente, melhorando da peritonite. Junto dele, estão o seu irmão, o nosso querido camarada Rogerio Garcia Pérez e o nosso amigo Delfim Maia.

Ao Hotel Nacional tem ido a melhor gente de Madrid informar-se do estado do grande *rejoneador*.

O DIARIO DE LISBOA vende-se na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

TELEFONE N.º 3275
Amilcar de Souza
ALFAIATE
Com novas instalações na
RUA DO SALITRE, 42, 1.º
LISBOA

O TEATRO LIRICO

NO

São Luiz

vae inaugurar-se

daqui a 8 dias

a temporada de opera

Tem causado a maior sensação a proxima temporada de opera lirica italiana no Tetro São Luiz. Não se fala noutra coisa em Lisboa, e é caso para nos regosijarmos, porquanto vão reviver agora no São Luiz as belas noites de elegancia e de arte das antigas temporadas de opera, e as tradições artisticas daquele teatro. Ontem chegou a Lisboa, Ercole Casali, o ilustre emprezario a quem se devem as mais notaveis companhias de opera que temos ouvido. Era dever nosso, colhermos as primeiras noticias, e, encontrando-o no Avenida Palace, ele nos disse:

—Ha dois anos, tinha resolvido abandonar a exploração normal da opera em Lisboa, não por razões de ordem artistica, pois que sempre as minhas companhias fôram recebidas com o maior agrado pela critica e pelo publico que considero dos mais inteligentes da Europa, mas por outra ordem de razões. No começo do inverno, amigos queridos me chamaram, pedindo a minha colaboração para a nova exploração do teatro de S. Carlos. Depois de ter hesitado bastante, aceitei, e para cumprir as condições do concurso, marchei imediatamente para França e Italia, a fim de formar companhia, que era obrigado a apresentar dentro do mês de Fevereiro, companhia que, pelos elementos valiosos e com a direcção do grande maestro Cooper, assegurasse uma das melhores temporadas liricas, que eu tenho apresentado em Lisboa. Não quero investigar as razões, pelas quais, hoje, felizmente, me encontro com toda a minha companhia no Teatro São Luiz, teatro que considero, pelas suas tradições artisticas, pela sua magnifica acustica, pela preferencia da alta sociedade e pelas simpatias de todo o publico, de magnificas condições.

—E a respeito da Companhia e desse grande tenor Trantoul, de que se fala em todo o mundo?

—Muito teria que dizer a respeito de cada artista que fórma a companhia, mas na minha qualidade de emprezario não me compete fazer o elogio. O que asseguro é que é a companhia mais completa que tenho trazido a Portugal, o que o publico e a critica julgarão. Limito-me unicamente a apresentar o grande tenor Trantoul que, com enorme dificuldade, consegui que o Scala, de Milão, me cedesse para quatro recitas, e que pelos triunfos que tem obtido ha dois anos no Scala, é considerado na actualidade um dos maiores *divos* de fama mundial, e o teatro Colon, de Buenos Aires, que o escriturou para três anos, pagando-lhe no primeiro ano 30.600 liras por espectaculo. Cantará duas das suas mais predilectas operas: *Fausto* e *Carmen*. Tenho toda a consciencia de haver feito todos os sacrificios para manter as tradições gloriosas da arte lirica em Portugal, e a confiança de que o publico saberá apreciar os meus esforços em momento de vida tão dificil, e corresponderá devidamente.

—Quais são os primeiros espectaculos?

—A estreia é no sabado, com a *Aida*, cantada por um quinteto de artistas notabilissimos: Eva Turner, Albertina Dal Monte, Aroldo Lindi, De Franceschi e Torres de Luna, e no domingo, dou a *Madame Butterfly*, de que é protagonista uma das melhores interpretes desta opera: Madeleine Keltie.

Abajours e almofadas para sophá
Fazem-se de todos os feitios. Preços economicos. Vai a casa tratar.
Rua Castelinhos, n.º 2, 3.º

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE
O pobre Valbuena
E
A ALSACIANA

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 6474
HOJE, ás 8-45
Pela primeira vez em Portugal
TOM MIX
A ABSOLVIÇÃO
Comedia em 6 partes
O TIO PACIENCIA
Comedia em 7 partes.

O CRIME DE ONTEM

AS hipoteses mais provaveis sobre a morte

de Ercole Massalinni

O caso do dia foi a morte do italiano Ercole Massalinni, ocorrida ontem á noite, em circunstancias misteriosas.

Como se sabe, a policia, logo que teve conhecimento do caso, prendeu as 47 pessoas que se encontravam no «club»—e entre elas cinco «papillons» e a caixa do «restaurant», sobrinha do morto.

Conduzidos todos ao Governo Civil, foram encerrados nos calaboiços e nos quartos particulares.

Como, porém, poucos momentos depois, se tivesse apresentado á policia o sr. Francisco Ramalho, declarando que a morte se dera em consequencia duma scena violenta com ele, o sr. dr. Teixeira Direito, adjunto do director da Policia de Investigação Criminal, mandou—e muito bem—que todos, á excepção de três, fossem restituidos á liberdade.

A' saida, houve scenas comoventes. As «papillons», uma a uma, fugiam, estonteadas, gritando:

—Que horror! Que horror!

Não admira. Se era a primeira vez que viam as grades dum calabouço—do lado de dentro!...

Depois da tragedia

Logo que viu Ercole Massalinni ferido, Francisco Ramalho—que, diga-se de passagem, é um homem pacifico, nunca tendo usado pistola—gritou para os empregados:

—Vão chamar um carro, e levem no ao hospital, que está ferido!

E, como louco, saiu, indo participar á familia a tragedia.

Depois desceu á Avenida, a tomar um «taxi» para se ir apresentar á policia, quando avistou o sr. dr. Sobral de Campos que passava com sua esposa.

Agarrou-se a ele, a chorar:

—Ainda bem que vejo o sr. dr., para me acompanhar ao Governo Civil. Vou entregar-me á prisão.

Seguiram os dois num carro e Francisco Ramalho declarou, num tom que comoveu o advogado:

—Tive uma questão com o Ercole. Ele puxou duma pistola. Agarrei-lhe nos braços. Ouvi um tiro—e vi-o cair, ferido... Saí do «club» como um doido...

Por causa da musica

Ercole Massalinni, ha muito que vinha perdendo nos negocios. Isto pô-lo de mau humor.

Depois, um socio fugiu-lhe com alguns milhares de francos. E, para cumulo do azar, havia contra ele um mandado de captura, por causa duma falsificação de «champagne».

Massalinni começou a andar irritado. E essa irritação cresceu depois do Carnaval, manifestando-se constantemente.

Ontem á noite, Ercole, provavelmente no intuito de armar qualquer conflito, ordenou que o sexteto, que sempre tocara no segundo andar do «club», viesse fazê-lo para o «bar», instalado no primeiro andar.

O regente protestou e foi contar o caso a Francisco Ramalho, dizendo-lhe que não tocaria no «bar».

Francisco Ramalho subiu ao andar superior, e, num corredor, a poucos passos da sala, censurou o italiano:

—Os musicos teem que tocar aqui. Nem que eu tenha que pagar. Você o que é é um malandro!...

Ercole Massalini puxou por um pistola. Ramalho que é forte segurou-lhe os braços. Houve luta. Partiu um tiro e Ramalho, ao vêr o italiano ferido, fugiu desvairado.

Esta é a explicação que Francisco Ramalho dá e que as testemunhas confirmam.

A POLITICA DA OPOSIÇAO

A atitude parlamentar da minoria realista

e o que nos diz o deputado Carvalho da Silva

Que vão fazer os monarquicos? Não deixam funcionar a Camara? Submetem-se á resolução da comissão de verificação de poderes?

A atitude assumida pelo sr. Carvalho da Silva e pelos seus amigos, na ultima sessão, demonstra, pelo menos, um proposito firme de não consentir que andem por mãos alheias os creditos do oposicionismo realista.

Mas, evidentemente, não é processo parlamentar, nem regimental, ficar toda a vida a bater com a tampo das carteiras ou a dirigir frases inflamadas para a presidencia, em geral surda ás manifestações desta natureza.

Então que vão fazer os monarquicos?

* * *

O leitor conhece já o fundamento, a razão determinante deste incidente, que promete tornar mais precaria ainda a vida de representação nacional. Trata-se da eleição da Madeira. Mas o sub-«leader» monarquico explica o que se passa e diz algumas palavras sobre o que deve passar-se, e não é de molde a tranquilisar os parlamentares da maioria.

—Este caso da eleição da Madeira, afirma-nos ele, é tipico. Havia seis candidatos para quatro vagas. O sr. dr. Vieira de Castro foi, de todos, o mais votado. Pois é a esse, precisamente, o que querem torpedear.

—Porquê?

—Deseja saber o motivo verdadeiro? E' o sr. Antonio Maria da Silva que, não se sentindo com a fôrça bastante—neste caso fôrça é numero—para manter a sua posição em S. Bento, procura, pelo menos, evitar que na lista de deputados figure mais um adversario seu.

* * *

A historia do acontecimento fa-la o nosso entrevistado, rapidamente:

—Tentei, por todos os processos, evitar que se consumasse, que se levasse até ao fim o abuso. Estive com o presidente da Camara, estive com o «leader» da maioria, sr. Victorino Guimarães, estive com o «leader» da minoria nacionalista, sr. Cunha Leal. De todos recebi as melhores palavras. Todos me disseram que aos monarquicos assistia inteira, absoluta razão. Não vale a pena detalhar agora as «démarches» a que procedi. Mas fiz o que, humanamente e decentemente, era possivel.

—Afinal...

—Afinal, ontem surgiu a resolução da comissão de verificação, indicando a necessidade de se proceder a um inquerito sobre o acto eleitoral na Madeira.

—Mas o inquerito...

—Já sabemos para que serve e a que se destina. Ha antecedentes, ha o conhecimento de causa, ha os propositos que não constituem segredo. E compreende que isto excede todos os limites, vai além de tudo aquilo que poderiamos pensar.

Com indignação:

—Não é moral, não é decente, não é mesmo republicano.

* * *

—E agora? fomos interrogando.

Resposta clara, sincera, terminante do sr. Carvalho da Silva:

—Agora havemos de fazer o que as circunstancias indicarem para evitar esbulho.

—Obstrucionismo?

—O que fôr necessario. Fizemos, lealmente, a prevenção de que não desejavamos, não pretendiamos e não queriamos perturbar o regular funcionamento da Camara. Atiram-nos para a violencia...

—E os senhores...

—Cumprimos o nosso dever.

A FESTA de Maria de Lourdes Cabral

No Foz, realiza-se esta noite, com a engraçadissima revista *Pom-Pom* e com outras novidades de seguro exito, a recita de homenagem *á estrela* da Companhia—a notavel actriz-cantora Maria de Lourdes Cabral, cujos admiradores vão hoje encher o elegante teatro da Calçada da Gloria.

DE LUTO

Augusto dos Santos Alves

Na casa da sua residencia, rua das Flores, 33, 4.º faleceu esta manhã com uma congestão cerebral, o conceituado comerciante desta praça sr. Augusto dos Santos Alves.

O extinto, que deixa viuva a sr.ª D. Maria Margarida Alves e dois filhos menores, era irmão dos srs. Joaquim Alves Ribeiro, lavrador em Alvaiazere, e Casiano Alves Baptista, comerciante nesta cidade.

Higino Augusto da Costa Paulino

Na sua casa, rua Seraiva de Carvalho, 252, 1.º, faleceu o sr. Higino Augusto da Costa Paulino, funcionario superior das colonias. Era casado com a sr.ª D. Maria Helena de Noronha da Costa Paulino (Mahem), filha do sr. conde de Mahem, O finado era sogro do comandante sr. Peres Trancoso.

O EXAME ás notas de um conto de réis

Os peritos do Banco de Portugal estiveram esta tarde, no Governo Civil, examinando as notas falsas de mil escudos, apreendidas em Trancoso.

Concluiram que se trata duma falsificação grosseira, no genero da das cedulas de 10 centavos.

O papel em que as notas são impressas nem sequer têm letras de agua.

Banco de Portugal

O conselho do Banco resolveu retirar da circulação as notas de Esc. 1.000$00 C H. a A—ouro—efigie Duque da Terceira. Para esse fim, a troca dessas notas só se efectuará nas tesourarias da séde em Lisboa e da Caixa Filial no Porto, por outras de egual ou de diferente valor.

20 de Fevereiro de 1926.

Pelo Banco de Portugal
Os Directores
Antonio José Pereira J.or
Assis Camilo

Pelos teatros

Dulce de Menezes

Parte no dia 2 para o Brasil, a bordo do «Mosella», a gentil actriz Dulce de Menezes, que em varios teatros de revista, e ultimamente no Eden-

DULCE DE MENEZES

Teatro, afirmou já as suas qualidades para o teatro ligeiro.

Dulce de Menezes vai ingressar na companhia do teatro de S. José, do Rio de Janeiro.

"de Teatro,,

O n.º 40 da revista «de Teatro», a unica publicação teatral de valor que existe entre nós, é um magnifico exemplar. Contem, além de muitas gravuras e de artigos devidos ás penas de Santos Tavares, dr. Afonso Lopes Vieira, Sousa Bastos, Manuel Alvelos, Dario Nicodemi, Feliciano Santos, etc., a peça do actor Augusto Rosa, «Punindo!» e uma peça em 1 acto e em espanhol, de costumes portugueses «Noche de Alfama», devida á pena do ilustre escritor Tomás Borrás.

Atrás do reposteiro

Todos os artistas da Companhia de Bailados Russos «Coq d'or», que se estreia no Teatro da Trindade no dia 13 do proximo mês, têm um cuidado refinado na exibição da sua plastica e um pronunciado culto por todas as notas que exigem vida e côr. Com elementos da maior simplicidade eles obteem efeitos dignos de admirar-se, agradaveis á vista e impecaveis de precisão e de ritmo.

—A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga está representando, no Teatro S. João, do Porto, a peça «O Ladrão». A seguir vão á scena as peças «Os homens de hoje» e «O homem das cinco horas», que pela primeira vez é representada em Portugal, e que ainda se encontra em scena em Paris, no Theatre de la Scala.

—Realiza-se depois de amanhã, no Teatro Apolo, a festa artistica do actor Antonio Sacramento, director de scena da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, representando-se a peça de Jacinto Benavente, «Malquerida», com o festejado no principal papel masculino.

—O director da orquestra da Companhia de Opera que se estreia no dia 27, no Teatro S. Luiz, é o maestro Emil Cooper, das Grandes Operas de S. Petersburgo e de Paris e do Real de Madrid, já conhecido do nosso publico. Como director substituto vem o maestro Bruno Bruni e como director dos coros o maestro Aquiles Clivio. O côro é constituido por 50 figuras do Real de Madrid, trazendo o corpo de baile 12 bailarinas, das quais a primeira é Maria Esparza.

—Encontram-se em Paris os empresarios Antonio de Macedo e Alberto Barbosa, constando que irão ali brevemente a «vedetta» Lina Demoel e Alvaro Pereira.

—A companhia Velasco realisa amanhã, no teatro da Trindade, a sua penultima «matinée» elegante, pois que vai realisar a sua ultima semana de espectaculos com a «féerie» «Arco Iris».

—No Foz, realisa-se esta noite, com o «Pom-Pom» e outros atractivos, a festa da «estrela» da companhia, Maria de Lourdes Cabral.

—Chegou ontem a Lisboa, no «Cap-Polonio», a artista portuguesa sr.ª D. Maria Amelia da Fonseca Lebre, que, no estrangeiro, usa o nome artistico de Inette Beller. Veiu da Argentina, onde acabou de filmar uma fita, contratada pela casa Gaumont, de Paris.

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

Hoje

A celebre farça

Os Maridos Encravados

TEATRO DO GYMNASIO

HOJE, a delicada comédia

VIDA E DOÇURA

com PALMIRA BASTOS, Gil Ferreira e Henrique d'Albuquerque

REVISTA NUA

A'manhã: **Concerto Fão.**

Companhia Nacional de Navegação

Soc. Anon. Resp. Limit.

CAP. ESC. 9.000.000$00

Emissão de 30.000 Acções

São convidados os Srs. accionistas d'esta Companhia a virem desde o dia 22 ao dia 28 do mez corrente, inclusivé, declarar o numero de acções com que desejam subscrever na nova emissão que ha-de realisar-se, nos termos da resolução tomada em Assembleia Geral extraordinaria de 19 de Fevereiro de 1926.

As condições d'esta emissão são as seguintes:

A emissão é de 30.000 acções do valor nominal de Esc. 100$00 cada uma.

As novas acções terão direito á metade do dividendo do corrente anno.

Os actuaes accionistas teem direito a subscreverem três das novas acções por cada dez das que actualmente possuem e o saldo que n'estes termos não fôr subscripto ficará averbado e na posse da Companhia Nacional de Navegação.

O preço de emissão é de Esc. 100$00, importancia liquida a pagar no acto da subscripção.

Os Srs. accionistas deverão apresentar, no acto da subscripção, as acções que possuem e preencher os impressos que lhes serão fornecidos.

As subscripções recebem-se, nos referidos dias 22 a 28 do mez corrente, inclusivé, das 11 horas ás 14, na Séde da Companhia.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1926.

A Administração.

Sociedade Industrial de Construções em Ferro—Limitada

Para os devidos efeitos se torna publico que por escriptúra de doze do corrente, lavrada a folhas cincoenta e sete, do Livro numero Oito B, das Notas do Notario da Comarca, Doutor Avelino de Faria, o artigo nono do pacto social desta sociedade foi substituido inteiramente pelo seguinte:

Artigo nono

A gerencia e administração da sociedade serão exercidas por todos os socios, podendo assim tanto a firma L. Dargent—Limitada, como qualquer dos outros socios de per si representar esta sociedade em todos os seus actos e contractos, tanto em juizo como fóra dele e quer activa quer passivamente.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1926.

Fausto Aurelio do Valle Feio
notario-ajudante

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OUBO. 18. 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

Os mais superfinos Licores, Vignac e Xaropes, premiados com **"Grands-Prix"** nas Exposições Universais de St. Louis 1904, Rio de Janeiro 1908 e 1922, são da

Fabrica ANCORA

(Fundada em 1882)

rivalizando com as marcas estrangeiras as mais afamadas, mas custando muito menos

DEPOSITO GERAL

Rua do Alecrim, 32 a 42

N. B. Os produtos desta casa estão avençados

30 **MOBILIAS** 32

A PREÇOS SEM COMPETENCIA

4 MOBILIAS 4
5.700$00
QUARTOS PARA CASAL
DESDE 2.100$00

3 MOBILIAS 3
3.600$000
CASAS DE JANTAR
DESDE 1.400$00

Lindas mobilias em estilo inglez

Moveis desirmanados

Não comprem sem consultar os nossos preços

30 **ALMEIDA & RODRIGUES** 32

30—RUA DO NORTE—32 (Ao Camões)

CONSTRUÇÕES CIVIS

CONSULTEM SEMPRE

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8 — Telefones C. 1601 e 3474

Companhia de Seguros Luso-Brasileira

"Sagres"

Assembleia Geral

E' convocada a Assembleia Geral Ordinaria desta Companhia a reuuir no dia 6 de Março p. futuro, pelas 15 horas (3 da tarde), na sua séde, rua do Ouro, 191, 2.º, para:

Discutir e votar o relatorio e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercicio de 1925.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(a) *Arlindo da Costa Correia Leite*

MOBILIAS Esmerada fabricação SOUSA E BRITO 182, Rua da Rosa, 190

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

1.º aditamento á tarifa especial interna n.º 18 Grande velocidade

Desde 15 do corrente mez, os preços das tabelas anexas á tarifa especial n.º 18, de grande velocidade, são baixados para os que constam das tabelas que se publicam nesta data.

Os preços da nova tabela continuam sujeitos aos multiplicadores em vigor.

Lisboa, 2 de fevereiro de 1926.

O Director Geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita

Politeama Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.

COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

HOJE

Não te melindres, Beatriz!

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE

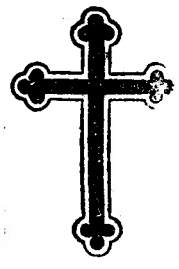
As Onze Mil Virgens

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Todas as noites, ás **21-15**

Pão de Ló



Augusto dos Santos Alves

FALECEU

Maria Margarida Alves, Augusto Alves Baptista, Maria Lucilia Alves Baptista, Joaquim Alves Ribeiro, Cassiano Alves Baptista, Emilia dos Santos Baptista, Mariana de Jesus, Antonio Alves Baptista, João Alves Baptista, Joaquim Alves Fernandes, Cassiano dos Santos Baptista, Antonio dos Santos Baptista e Maria Emilia dos Santos Baptista, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das sues relações o falecimento do seu chorado marido, pai, irmão, cunhado e tio, cujo funeral terá logar amanhã, domingo, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da Rua das Flores, 33 4.º para o Cemiterio dos Prazeres.

AUGUSTO DOS SANTOS ALVES

FALECEU

A firma Augusto dos Santos Alves, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar aos seus Ex.mos clientes e amigos o falecimento do seu estimado socio e amigo sr. Augusto dos Santos Alves e que o seu funeral se realisa amanhã, domingo, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da Rua das Flores, 33, 4.º, para o cemiterio dos Prazeres.

FRASCOS
Para agua de colonia, typo Maria Farina
Trez tamanhos—Boiões para creme
—Fabrico estrangeiro.—Aos melhores preços—Entrega imediata Perfumarias
Agua de Colonia «Noel».
R. dos Douradores, 9, sll.—Telefone C. 4043

ESTRANGEIRO

A PATRIA
SOCIEDADE ALEMTEJANA DE SEGUROS
Sédes EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, r/c.
PORTO: — Rua do Almada, 287, 1.º.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E RESPONSABILIDADE CIVIL

DE BERLIM

SÓ

fazendo parte do conselho executivo

A ALEMANHA

entrará para a S. D. N.

BERLIM, 20

No decurso das conversações realizadas entre o sr. Eric Drummond, secretario geral da S. D. N., e os meios oficiais alemães, chegou-se a um acordo sobre o programa da admissão da Alemanha na S. D. N., mas ficou convencionado que esta admissão não será acompanhada de qualquer cerimonial. Conta-se que a questão da admissão ocupe 4 ou 5 dias da assembleia da S. D. N., cujo conselho estará reunido durante uma semana, aproximadamente. — (H.)

Stressmann, ministro dos Negocios Estrangeiros, declarou numa entrevista que, a Alemanha entrando na Sociedade das Nações, entende dever respeitar as actuais condições em que se encontra constituido o seu conselho executivo. — (L.)

O acôrdo
entre a França e a Alemanha

O «Boletim Oficial» publicou o texto do acordo comercial provisorio concluido em Paris, no dia 12 de Fevereiro, entre a França e a Alemanha. Este acordo entra em vigor três dias depois da troca dos documentos de ratificação, e será valido por quatro meses. — (H.)

O presidente von Hindenburgo irá a Leipzig no dia 2 de Março proximo, a fim de visitar a feira de amostras. — (H.)

O *Reichstag* suprimiu, em segunda leitura, os creditos para o Tribunal de Justiça para a protecção da Republica.—(H.)

O *Reichstag* aprovou a convenção economica provisoria entre a França e a Alemanha. — (L.)

O *Reichstag* ratificou o acordo comercial provisorio entre a França e a Alemanha. — (H.)

HA 26 ANOS...

Os ultimos

DIAS

do grande escriptor

OSCAR WILDE

Em 30 de Novembro de 1900, precisamente ha um quarto de seculo, morreu Oscar Wilde. A sua obra conquistou no mundo inteiro a consagração a que tem direito, e vinte cinco anos de infamias e intrigas justificam bem a rehabilitação que se deve ao homem.

«La Revue Hebdomadaire» acaba de publicar o texto da carta de Mr. Robert Ross, amigo fiel de Wilde e testemunha da sua morte, que narra os ultimos momentos do recluso de Reading.

Wilde, desde a saída da prisão, que errava de Diépe a Napoles em busca da tranquilidade material e moral sem conseguir encontrá-la.

Por fim, caíu em Paris desesperado e na miseria. As suas doenças, aumentadas por uma intemperança alcoolica contra a qual já não podia nem poderia lutar, não tardariam em acabar com aquele «rei da vida», destronado e pobre.

Em 11 de Outubro de 1900, era operado e ficava «terrivelmente fraco» no Hotel de Alsacia, na rua de Beaux Arts, onde veiu a morrer.

Em torno de 25 de Outubro teve periodos de excelente bom humôr, riu a gargalhadas, prodigalizando muito do seu superior espirito.

Ainda acompanhou Ross numa volta a pé, pelo Bairro Latino, mas com bastante dificuldade. Os cabelos, dum tom castanho claro, e que não tinham sofrido diferença quando na prisão, começavam agora a embranquecer.

Queixava-se de dores horriveis nos ouvidos, mas não queria deixar de beber, apesar de o medico dizer que «morrerá se não renunciar á bebida».

A sua grande inquietação, mais que a morte, são as dividas, cêrca de 10.000 francos.

Em 12 de Novembro, insiste nas suas dificuldades financeiras e exalta-se com os amigos.

Na noite anterior tinha-se injectado de morfina. Continua a alimentar-se exclusivamente de «champagne».

Em 28 de Novembro, impressionava vê-lo, magrissimo e livido.

Em 29, descompõe-se-lhe a fisionomia e entrou em estertor agonico, produzindo sons torturantes, ruidosos como o chiar de um carro e que se prolongaram até ao ultimo momento. Da boca resvalavam sangue e espuma.

A's duas horas da tarde, 30, modificou-se-lhe a respiração, e pouco depois, exalou o ultimo suspiro.

Ross, o pintor Turner e Dupoirier, proprietario do Hotel, amortalharam-no e fôram á Mairie participar o falecimento, através de varias dificuldades por ter Wilde dado no bairro o falso nome de Melmoth.

O forense insistia por saber se Wilde «se tinha suicidado ou se o haviam assassinado» e os seus amigos chegaram a temer que o levassem para a Morgue.

Fez-se uma fotografia do cadaver, mas — ultima fatalidade — o magnesio não ardeu bem.

No dia seguinte, domingo, apareceu Lord Douglas, e segunda-feira, ás nove da manhã, o cortejo funebre tomou o caminho da igreja de Saint-Germain de Prés. Atrás do carro mortuario, seguiam Lord Douglas, Ross, Turner, Dupoirier, o enfermeiro e o criado do hotel.

Ao todo, cincoenta pessoas, entre as quais, cinco senhoras de rigoroso luto.

Por ultimo, ficou no cemiterio de Bagueux, com a saudade de algumas corôas de flôres, o corpo pecador do homem cuja obra admiravel resgata todas as acusações com que os seus inimigos o crivaram.

DE FRANÇA

AO

governo austriaco

pediu explicações

MUSSOLINI

por causa dum discurso

PARIS, 20

DIZ-SE NESTA CIDADE QUE MUSSOLINI TOMOU CONHECIMENTO DO TEXTO COMPLETO DO DISCURSO PRONUNCIADO PELO CHANCELER AUSTRIACO NA ASSEMBLEIA NACIONAL DE VIENA, ENCARREGANDO O MINSTRO DA ITALIA, NAQUELA CIDADE, DE PEDIR FORMAIS EXPLICAÇÕES SOBRE ALGUNS PONTOS DO MEMO DISCURSO. — (L.)

Os projectos
para o equilibrio financeiro

A comissão de finanças do Senado continuando o exame dos projectos financeiros tendentes ao equilibrio orçamental, instituiu um caderno fiscal permitindo entregas provisorias, e aprovou o endosso dos titulos e o *carnet* de coupons. — (L.)

O conselho de gabinete decidiu instituir duas comissões para o reajustamento dos vencimentos dos funcionarios, tendo esta decisão sido agradavelmente recebida pelos interessados. — (L.)

O sr. Briand recebeu, em audiencias separadas, os embaixadores italiano e espanhol, com os quais conferenciou sobre a admissão de novas potencias no conselho executivo da Sociedade das Nações.—(L.)

Os grupos da esquerda da Camara reuniram-se e deliberaram estudar varias emendas aos projectos financeiros, criando novas receitas. — (L.)

Fôram detidos os numerosos membros duma associação de salteadores anarquistas italianos. — (L.)

HUMAGSOLAN

É um produto scientifico, absolutamente inofensivo, que sustenta o bolbo piloso e faz crescer o cabelo.

Até ás proprias crianças cai muitas vezes o cabelo, a que a anemia ou as doenças fizeram exgotar a nutrição. O meio mais simples, rapido e seguro, para toda a gente, de restituir ao cabelo as suas substancias nutritivas é empregar os comprimidos

HUMAGSOLAN

que são o alimento do cabelo.

Á venda nas boas farmacias e drogarias

AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

JOSÉ NUNES DE PAIVA
FALECEU

Julia Rolão Preto Paiva, Julia Rolão Paiva Feyo, Beatriz Nunes de Paiva, Patrocinio Nunes de Paiva Tavares e marido, Natividade Nunes de Paiva, Cassiano Nunes de Paiva, Anna Rolão Preto, Maria Rolão Preto e Martins, Antonia Rolão Preto Santos, Alvaro Ant.º Gomes Feyo e filhos, Henrique Rolão Preto e esposa, Dr. Francisco Rolão Preto e esposa, Margarida Rolão Preto e Marques e marido, José dos Santos Rolão Preto e esposa, e João Rolão Preto, participam a todas as pessoas de sua familia e relações que foi Deus servido chamar á sua presença, o seu muito querido marido, padrinho, irmão, cunhado e tio, realisando-se o seu funeral amanhã, pelas 14 horas, saíndo o prestito funebre da Igreja de S. Domingos para o C. dos Prazeres, esperando lhes honrem este ato com a sua presença.

Augusto dos Santos Alves
FALECEU

Henrique Augusto de Carvalho Alves, sua mulher e filhos, participam a todas as pessoas das suas relações o falecimento de seu estremoso pai, sogro e avô, cujo funeral se realiza ámanhã, domingo, 21, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da Rua das Flôres, 33, 4.º Esq.º, para o Cemiterio dos Prazeres.

CAPITÃO DE MAR E GUERRA
Joaquim Pedro Vieira Judice Biker
Missa do 30.º dia

Sua viuva e filho mandam rezar no dia 22, ás 11 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus (a Santa Martha), por alma de seu querido marido e Pai.

Agradecem a todas as pessoas que assistirem a este piedoso acto.

DR. ARMANDO NARCISO
Medicina, tuberculose e sifilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º
(A' Rua do Amparo)—Telf. 5205 N.

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—**Dr. Armando Narciso**—5 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pele e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—2 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—12 h.
Estomago e intestinos—**Dr. Mendes Bello**—3 h.
Doenças das senhoras—**Dr. Emilio Paiva**—2 h.
Doenças das creanças—**Dr. Filipe Manso**—12 h.
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
Analises clinicas—**D. Gabriela Beato**—4 h.

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747
Dr. Alberto Amado . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior . . Clinica geral e doenças das crianças—13 h.
Dr. Camossa Saldanha Rins e vias urinarias—11 horas.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervosas—15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos—13 h.
Dr. F. Martins Pereira Medicina geral, coração e pulmões—15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette Olhos—15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão . . . Pele e sifilis—14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

Dr. ALBINO PACHECO
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o seu consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 h.—Telefone C. 535
Residencia—Telefone C. 2577

ULTIMAS NOTICIAS

Chapeus Modelos
para meia estação, encontra V. Ex.ª uma lindissima colecção recentemente recebida de Paris, no
SALÃO AUREO
246—RUA DO OURO—248
TELEF. 3818 N.

O "ANGOLA E METROPOLE,,

A historia do vale de cem mil escudos

QUE MARANG TEM EM SEU PODER

O sr. dr. Jeronimo de Sousa foi ainda hoje o auxiliar do sr. dr. Alves Ferreira que teve de haver-se com a insistencia dos jornalistas que foram ao ex-Credito Predial em demanda de noticias. Amavel como sempre e como é da praxe lá em casa, quando o magistrado surgiu na sala onde aguerdavamos a sorte de informes curiosos ou a desventura de mais uma tarde perdida, segredaram os rapazes dos jornais uns para os outros, ao mesmo tempo que o escrivão sr. Machado acertava as contas da venda de um predio no logar da Azambuja.

—Estamos governados.

E' que o sr. dr. Jeronimo de Sousa vinha a rir-se de uma maneira especial que a gente já conhece ser sinal de bom tempo.

E tinhamos acertado; porque dentro de segundos estava ele a ditar, com virgulas e tudo—o magistrado parece que sabe latim—a seguinte nota oficiosa, porventura a mais importante de quantas os investigadores têm fornecido até hoje:

—O conteúdo da carta apreendida ao sr. dr. Cunha e Costa veiu confirmar a existencia de um vale que supunhamos existir, em face de alguns telegramas enviados em cifra, para Haia, em dezembro de 1924 e em face da confissão de alguns presos. Ponto final.

Puzemos ponto final, e prosseguiu o ditado nestes termos:

—E' certo, porém,...—ponham uma virgula atraz e outra adiante. —E' certo, porém, que esse vale foi primeiro escrito a lapis...

Abrindo e fechando parentesis:

—Já vêem que sabiemos mais alguma coisa...

—E assim...

—Como é que está?

Repetimos:

—E' certo, porém, que esse vale foi primeiro escrito a lapis...

O magistrado a ligar:

—e assim mostrado por Alves Reis e José Bandeira, não se sabendo como é que aparece agora dactilografado e com diferença fundamental na redacção, sendo, contudo, o mesmo vale, como as investigações o provam.

Mais:

—Aqueles telegramas serviram para nos orientar nas investigações; e o publico sabe como os factos se encarregaram de justificar a nossa orientação.

—Orientação.

—Ponto final.

—Ponto final.

—Agora...

—Agora...

—Esperamos que o vale copiado na carta, seja apresentado, para sobre ele recair exame grafologico e podermos ver se é mais verdadeiro do que as cartas atribuidas a I. Camacho Rodrigues, ás quais re referiam tambem aqueles telegramas.

Ponto final e este áparte:

—Deve ser tão verdadeiro como elas...

—A reatar o fio:

—A apresentação desse vale não deixará de ser feita, agora que o publico sabe da sua existencia...

—Esta bola é bem pensada e bem jogada—disse o *Diario de Lisboa* com os seus botões, emquanto o sr. dr. Jeronimo de Sousa ia acrescentando, a rematar a «sorte»:

—Assim é justo esperar da honorabilidade do sr. dr. Cunha e Costa e do advogado de Marang.

Iamos pôr reticencias, mas o magistrado preferiu um ponto final. E concluiu assim:

—Continuamos as investigações como até aqui, sem atenção a pessoas, qualquer que seja a sua categoria, mas apreciando os elementos de prova que nos são submetidos, com o maior escrupulo e isenção.

Depois, conversou-se e veiu a saber-se mais:

Que Alves Reis, em dezembro de 1924, quando expediu o tal telegrama em cifra para Marang, a dizer que o governador do Banco de Portugal exigia cem contos por uma carta com a sua assinatura, estava num estado de penuria notavel. Como o outro que diz: sem o preciso para mandar cantar um cego.

Um argumento a entrar na altura:

—Como ha de compreender-se que alguem cedesse por cem contos um documento que habilitava quem lh'os pagasse a receber muitas centenas de milhar deles?!

Depois, á laia de comentario:

—E' bem certo que os ladrões têm todos a tendencia, sempre inutil, de apagar o rastro do caminho que seguem ao fazerem a falcatrua...

Uma pregunta que o sr. dr. Jeronimo de Sousa pôs ao dialogo, deixando a resposta a quem o ouvia:

—Porque foi que Alves Reis nunca apresentou o sr. Inocencio Camacho ao seu amigo intimo José Bandeira, não obstante este lhe ter pedido vezes sem conto essa apresentação?

—Sim?!

—José Bandeira dizia lhe: «Homem! Conheces tão bem o Camacho... Porque raio não mo apresentas?!...»

—E ele?

—E ele... nunca lho apresentou .. pela razão simples de que nunca o conheceu pessoalmente.

—Marang, pelo visto, tambem foi intrujado pelo burlão...

Reticencias e esta frase:

—E' possivel que tenha trabalhado sempre de acordo...

—De maneira que o telegrama em cifra, sr. doutor...

—Nesse vê-se bem a falcatrua.

—E' o caso do gato escondido com o rabo de fora?

—Nesse telegrama, ao mesmo tempo que se afirma que o governador do Banco de Portugal «vai feito» no negocio, ha duas palavras que bastam para provar precisamente o contrario. De resto...

—De resto...?

—Esta observação chega: Se o sr. Inocencio Camacho tinha assinado os contractos para o fabrico das notas, porque bulas havia de exigir cem contos só por uma carta que era a confirmação desses contractos?

A fechar:

—E isto... são pequenos argumentos comparados com outros que temos em nosso poder, porque só procedemos com provas seguras, conscios da responsabilidade que sobre nós impende.

* * *

Uma noticia interessante tambem:

O exame feito no Instituto de Medicina Legal ás assinaturas do sr. Inocencio Camacho — em fotografia metrica — deu ensejo áquele estabelecimento, da proficiente direcção do sr. dr. Azevedo Neves, a produzir um trabalho que deve ser, na opinião dos entendidos, o primeiro e mais aperfeiçoado que se faz, não só em Portugal, mas em todo o mundo culto.

Conseguiu-se uma reprodução fotografica reduzida a uma escala de milimetros, e com uma perfeição, com uma nitidez que nenhum estabelecimento congenere tinha obtido até agora.

* * *

Um episodio da revolução de Almada que se liga com o caso do Angola e Metropole:

No dia em que os revoltosos se renderam, apareceu açodadissimo em casa do sr. dr. Nuno Simões e do sr. Pinto de Lima, que estão presos, como se sabe, no quartel de Campolide, um sujeito bem posto, de maneiras cortezes e gestos de misterio, a noticiar muito em segredo:

—E' hoje!

—E' hoje o quê?

—E' hoje que vamos restituí-lo á liberdade!

—?!!!...

—E' como lhe digo. Não me comprometa pelo amor de Deus. Mas está tudo arranjado. Até já cá está o sr. dr. Pinto de Magalhães, que veio de proposito para arrancar os inocentes ás garras dos tiranos.

—Que me diz, senhor?!

—Digo-lhe isto. E' logo á meia noite. Já temos automoveis preparados e tudo para a fuga. Só o que falta é roupa e, já se vê, algum dinheiro, para as despezas do caminho, principalmente daqui até á fronteira. Ah! Mas o tal sr. Alves Ferreira não se ha-de ficar a rir!

As pessoas que o receberam ficaram sem saber que dizer em face de tão inesperada noticia; e o *benemerito* apresentou o seu cartão:

—Julio Noronha de Almeida Ribeiro, capitão da Guarda Nacional Republicana; Rua de Campolide, 12, 1.º, D.to, ou: rua Heliodoro Salgado, 28, 2.º.

Dinheiro, porém, não o tinham as pessoas a quem o oficial o exigia. Só se...

—Olhe: roupas arranjam-se já...

—Ora! Roupas é o menos. O que importa, acima de tudo, é o dinheiro. V. Ex.ª compreende... Só a gazolina... Estas coisas não se fazem sem despeza...

E como se convencesse, depois de muito teimar, que era inutil insistir pelo dinheiro da gazolina:

—Bem. Vamos lá a ver se o arranjo por outro lado...

Saíu; o caso chegou ao conhecimento da policia; e agora anda o agente Baptista á procura da tipografia onde se fizeram os cartões de visita do burlão, pois está averiguado que não existe oficial algum com aquele nome, nem na G. N. R. nem no Exercito nem na Armada.

E' de crêr que o proprietario da tipografia se apresente a dar conta de si, a menos que prefira tornar-se conivente com o freguez.

* * *

Do sr. dr. Cunha e Costa, advogado de Alves dos Reis, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: — Num jornal da manhã de hoje lê-se a seguinte informação:

«Segundo informes recolhidos hoje, podemos acrescentar, em aditamento á explicação do sr. dr. Cunha e Costa, que na carta apreendida, e em poder das autoridades encarregadas da organização do processo relativo á burla, o advogado holandês propunha ao advogado português a adopção de um plano uniforme na defeza dos dois maiores burlões. Quere dizer: os elementos que o advogado de Marang pudesse reunir a favor do seu constituinte serviriam igualmente para a defeza de Alves dos Reis e reciprocamente os que o advogado deste pudesse obter, aproveitariam ao famigerado *escroc* da Haia. Era, como se vê, mais uma combinação entre os burlões para escaparem ás garras da justiça».

Esta informação é *inteiramente falsa*. Na carta apreendida não ha uma palavra a tal respeito.

Tambem é *inteiramente falso* que eu entregasse a carta *voluntariamente*. No respectivo auto ficou consignado que o advogado só cedia *á força*.

Agradece a publicação desta o, de v., etc., *José Soares da Cunha e Costa*.

* * *

Segundo nos consta, o sr. dr. Cunha e Costa ainda não tem procuração de Alves dos Reis para se encarregar da sua defeza, dada a sua rigorosa incomunicabilidade, agindo, por enquanto, como um simples particular.

AS FESTAS DA AVENIDA

OS PREMIOS

são entregues

amanhã á tarde

No grande salão de festas da Sociedade Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, realisa-se amanhã, pelas 15 horas a distribuição dos premios aos classificados nos varios concursos realisados durante as festas do Carnaval, a favor das instituições de caridade.

Haverá uma sessão solene a que preside o sr. dr. Barbosa Viana, ilustre governador civil de Lisboa e presidente da comissão executiva das festas, devendo usar da palavra varios oradores.

Após a distribuição dos premios, terá logar uma *matinée* de arte por artistas de varios teatros de Lisboa.

Loteria de hoje

Numeros mais premiados

4798...	300.000$00	5206...	2.000$00
7859...	50.000$00	5303...	2.000$00
1109...	15.000$00	5606...	2.000$00
502...	2.000$00	8345...	2.000$00
805...	2.000$00	9050...	2.000$00
2665...	2.000$00	9117...	2.000$00
2873...	2.000$00		

O CRIME DE ONTEM

MASSALINNI

foi sentado

depois de morto?

Só estão presos, agora, Francisco Ramalho e um rapaz, João Batista empregado de Ercole. Ambos se conservam incomunicaveis, não tendo ainda sido interrogados.

A Policia de Investigação ainda não começou os seus trabalhos, visto não ter recebido a respectiva participação.

Esta manhã, o sr. dr. Balbino do Rêgo, director do Instituto Antropometrico, o chefe Lopes e dois agentes estiveram no local do crime, tirando fotografias e impressões digitais, depois do que, na presença do sub-delegado de saude, o cadaver foi removido para a Morgue, na maca da policia.

Segundo as nossas informações, do exame feito conclue-se que o corpo do italiano que morreu naquele local, visto não haver rasto de sangue, foi, depois de morto, sentado na cadeira onde o encontraram. Por quem? Não se sabe.

O cadaver estava sentado em cima da pistola, que apenas disparou um tiro, o qual entrou atraz do ouvido esquerdo.

No Governo Civil esteve prestando declarações, acompanhada do consul italiano, a viuva de Massalinni.